

O PORVIR

O porvir
Era criança
Ansiava pelo porvir

Aquele restinho de água repousando,
azul, num dos potinhos da aquarela.
Chorinho de tinta, quer virar pintura.
Queria que fosse assim também o meu chorinho:
que ele pudesse pintar nós dois em uma fotografia.
Com um pincel, carrego-o dentro de cerdas
para um papel de carta.
Desenho nós dois,
quando os seus lábios iriam tocar os meus,
acaba a água.

O porvir era mocidade
Era jovem
Tinha pressa pelo porvir

Sempre se acabou assim,
em um quase primeiro beijo.
Tudo se secou, as rachaduras apareceram...
O tempo passou.
Já quase em outra poça d'água, vejo nossa pintura de aquarela,
sem mais chorinhos de tinta.

O porvir era a maturidade
Era maduro
Sem pressa para o porvir

Eu imagino se meu corpo pudesse encher-se das águas e das cores delas,
velejar feito uma jangada, longe, longe.
Minha pele encher-se-ia de escamas
e do visco estranho que as piabas trazem e do muco dos polvos,
dos povos, dos poros, dos olhos, dos nossos, dos possos, dos remorsos.

O porvir era a eternidade